

AS REFERÊNCIAS A TOMÁS DE AQUINO NA *APOLOGIA DE GALILEU* DE TOMÁS CAMPANELLA

Paulo S. Terra - Universidade Estadual de Santa Cruz.

Resumo: Tomás Campanella, filósofo italiano da Ordem dos Pregadores, escreveu em 1616 a *Apologia de Galileu* (*Apologia pro Galileo mathematico Florentino*), publicada apenas em 1622. Muito mais do que defender a teoria astronômica de Galileu Galilei, a *Apologia de Galileu* visava a defender a liberdade de pensamento na filosofia natural cristã. Campanella citou frequentemente Tomás de Aquino na *Apologia*. Pretende-se analisar neste artigo como Campanella usou as ideias do Aquinate para repensar as relações entre as ciências naturais, a filosofia e a teologia e para sustentar a compatibilidade entre as verdades cristãs e as novas descobertas astronômicas.

Palavras-chave: Tomás Campanella, *Apologia de Galileu*, Tomás de Aquino.

Abstract: Tommaso Campanella, Italian Dominican philosopher, wrote in 1616 the *Defense of Galileo, the Mathematician from Florence* (*Apologia pro Galileo mathematico Florentino*), printed only in 1622. Rather than a defense of the astronomical theory of Galileo Galilei, the *Defense of Galileo* was a defense of the freedom of thought in the Christian natural philosophy. Thomas Aquinas was frequently cited in Campanella's *Apologia*. This article intends to analyze how Campanella used the ideas of Thomas Aquinas to rethink the relationship among natural science, philosophy and theology and to support the compatibility between Christian truths and the new astronomical discoveries.

Keywords: Tommaso Campanella, *Defense of Galileo*, Thomas Aquinas.

A *Apologia de Galileu*¹ é um estudo escrito pelo frade dominicano Tomás Campanella², provavelmente em 1616, que foi publicado em Frankfurt em 1622. Como explica o autor no proêmio, o objetivo da obra é o de verificar “se a doutrina [astronômica] que Galileu [Galilei] sustenta concorda com a Sagrada Escritura ou dela discorda”³. O problema examinado era na época de

¹ *Apologia pro Galileo, mathematico Florentino. Ubi disquiritur utrum ratio philosophandi, quam Galileo celebrat, faneat sacris scripturis, na aduersetur.* Francofurti. 1622.

O texto original em língua latina encontra-se disponível em:

<http://bivio.signum.sns.it/bvWorkTOC.php?authorSign=CampanellaTommaso&titleSign=Apologia>). Há tradução em português da obra: CAMPANELLA, TOMMASO. *Apologia de Galileu*. Tradução: Emanuela Dias. São Paulo: Hedra. 137 pp. 2007.

² Tommaso Campanella, O.P., batizado como Giovan Domenico (1568-1639). O editor alemão da *Apologia pro Galileo* apresentou-o aos leitores como “o já célebre filósofo, teólogo e monge italiano” (CAMPANELLA, *op. cit.*, 2007. p. 30).

³ CAMPANELLA, 2007, *op. cit.*, p. 35.

máxima importância e o parecer do autor, externado após longa análise dos prós e contras, foi pela tese da concordância. O estudo elaborou-se por encomenda do cardeal Bonifácio Caetano⁴, membro do conselho de cardeais encarregado do *Index Librorum Prohibitorum*.

As ideias polêmicas de Galileu, sobre as quais Campanella se debruçou, relacionavam-se com as expostas por Nicolau Copérnico, em 1525, no livro *De revolutionibus orbium caelestium*. Nesse livro, segundo descreve o próprio Campanella, “discute-se sobre o movimento da Terra e a estabilidade do firmamento, isto é, do céu estrelado, e sobre a estabilidade do Sol no centro do nosso mundo”⁵. Galileu Galilei era professor de matemática e portanto conhecia e possivelmente ensinava a teoria copernicana⁶. A partir de 1610, Galileu passou a defender⁷ entusiasticamente o copernicanismo e alguns teólogos colocaram a teoria sob suspeita, argumentando que ela divergia fortemente das Sagradas Escrituras, que em diversos pontos conteriam afirmações sobre os astros que diziam exatamente o oposto do que era advogado pelo matemático e filósofo florentino.

Dada a importância da polêmica,urgia, em 1616, decidir se o copernicanismo era ou não compatível com a sã doutrina católica. Como dito,

⁴ Bonifazio Caetani, 1567 – 1617.

⁵ CAMPANELLA, *op. cit.*, p. 43.

⁶ As teorias de Copérnico não sofriam restrição eclesiástica alguma até 5 de março de 1616.

⁷ Galileu Galilei externa simpatia clara pela doutrina de Copérnico já em seu opúsculo *Sidereus Nuncius [A mensagem das estrelas]*, publicado em abril de 1610, em que são relatadas as descobertas feitas por ele com o telescópio, que o próprio astrônomo acabara de inventar. Subjazia o texto uma nova cosmologia nascente, visto que as revelações do telescópio traziam dados que começavam a mostrar a inadequação do que então era amplamente aceito, isto é, da cosmologia aristotélica, no primeiro momento, e do modelo astronômico ptolomaico, algum tempo depois. Ao divulgar *A mensagem das estrelas*, Galileu já parece estar convencido de que é o sol e não a terra que está estático no centro do mundo. Destarte, toda a elaborada astronomia do alexandrino Cláudio Ptolomeu, compatível com a cosmologia de Aristóteles, começava a ser posta em dúvida. Em fins de 1610, Galileu descobre que o planeta Vênus exibe fases como a lua, o que mostrava inequivocamente a inadequação do modelo ptolomaico. Até esse momento, Galileu não havia se envolvido ainda em nenhuma discussão filosófico-teológica. Isso só vai ocorrer em meados de 1613 quando Galileu é notificado de uma polêmica que envolveu o problema da aparente incompatibilidade da astronomia heliocêntrica com a interpretação literal da passagem bíblica que narra a parada do sol e da lua no livro de Josué (10, 12-14). Este último assunto será discutido mais adiante neste artigo. Para a compreensão do complexo caso Galileu recomenda-se a leitura de *Galileo in Rome: the rise and fall of a troublesome genius*, de William R. Shea e Mariano Artigas (New York: Oxford University Press. 226 p. 2004); o terceiro capítulo (p. 49 – 93) trata do período em que a *Apologia de Galileu* foi escrita e descreve a conjuntura do primeiro conflito teológico em que se envolveu Galileu, entre dezembro de 1615 e junho de 1616.

Campanella dedicou-se a essa tarefa, por encomenda do cardeal Caetano, que, por força do ofício⁸, necessitava de subsídios consistentes para as decisões em que lhe cabia participar⁹.

Para defender a compatibilidade entre a nova filosofia natural proposta por Galileu e a Sagrada Escritura, Campanella lançou mão de todo o tipo de recurso¹⁰. Com esse intuito, foi o frade dominicano muitas vezes recorrer a Tomás de Aquino. Este artigo visa a mostrar como as ideias do Aquinate foram usadas por Campanella para sufragar a defesa de Galileu e mostrar que a cosmologia do matemático e filósofo florentino não está em desacordo nem

⁸ Os historiadores creem, majoritariamente, que Campanella elaborou a *Apologia* em 1616, comissionado pelo cardeal Bonifácio Caetano, que a recebeu em setembro desse ano. O estudo não chegou às mãos do cardeal em tempo de nortear sua decisão, isto é, antes de 5 de março de 1616, data em que se inscreveu o livro de Copérnico no *Index Librorum Prohibitorum*. Há, todavia, historiadores que defendem a tese de que Campanella escreveu a *Apologia* depois do decreto anti-copernicano, na esperança de que o seu estudo contribuísse para a reversão da decisão. (DIAS, Emanuela. Introdução. In CAMPANELLA, 2007, *op. cit.*, p. 9). Campanella elaborou seu estudo sobre Galileu, na prisão, em Nápoles, onde se encontrava por participar de uma conspiração contra a dominação espanhola da Calábria. Galileu foi denunciado na Congregação do Index no início de 1615; ele não sabia exatamente o que estava acontecendo e viajou para Roma, onde permaneceu entre 10 de dezembro de 1615 e 4 de junho de 1616. Francesco Ingoli, colaborador do cardeal Caetano, trabalhou, após a morte do cardeal, no sentido de conseguir a retirada do livro de Copérnico do índice dos livros proibidos. Ingoli conseguiu que o livro fosse liberado com pequenas correções, o que ocorreu em 1º de maio de 1620. Esse período do caso Galileu encontra-se minuciosamente descrito em SHEA and ARTIGAS, 2004, *op. cit.*, p. 49 – 93.

⁹ Diz Campanella ao cardeal Caetano na dedicatória da *Apologia*: “Vê qual é a doutrina justa; qual, também, deves defender ou rejeitar, uma vez que recebeste este encargo do Santo Senado”. (CAMPANELLA, 2007, *op. cit.*, p. 33).

¹⁰ Campanella optou por buscar em toda a literatura cristã elementos que pudessem ser usados em prol das ideias de Galileu. O filósofo dominicano não se detém em analisar minuciosamente as muitas ideias que examina, mas em mostrar que em muitos autores e em épocas variadas se encontram sustentáculos para que a nova cosmologia de Galileu pudesse ser desenvolvida sem o temor de que isso viesse trazer algum prejuízo à fé. Campanella trabalha com a ideia de que a teoria de Galileu foi demonstrada; somente assim faz sentido considerar a argumentação apresentada pelo filósofo dominicano. Como em 1616 os movimentos da terra ainda não haviam sido demonstrados, o cardeal Roberto Bellarmino aconselhou Galileu, em março do referido ano, a não sustentar, ensinar ou defender o copernicanismo de nenhum modo, por escrito ou verbalmente. Para Bellarmino não havia problemas em que se tratasse do copernicanismo desde que ele fosse apresentado como hipótese e não como descrição da realidade (SHEA and ARTIGAS, 2004, *op. cit.*, p. 69 – 72). Galileu retraiu-se, mas ao desenvolver a teoria de que as marés que ele cria que provava o movimento da Terra voltou a querer defender o copernicanismo como descrição da realidade e o fez no *Diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo: ptolomaico e copernicano*, de 1632, pelo que foi condenado e mantido em prisão domiciliar até o final da vida.

com as Escrituras Sagradas, nem com os ensinamentos dos Santos Padres da Igreja.

1. AS REFERÊNCIAS A TOMÁS DE AQUINO NA *APOLOGIA DE GALILEU*.

O corpo principal do texto da *Apologia de Galileu* divide-se em cinco partes. Apresentam-se inicialmente os argumentos contra Galileu. Seguem-se os argumentos em favor de Galileu. Estabelecem-se em seguida três teses que orientarão a análise dos argumentos pró e contra. Parte-se então para a refutação dos argumentos contrários a Galileu. Por fim, sustentam-se os argumentos erigidos em defesa das ideias do matemático e filósofo.

Em quatro dos cinco capítulos que compõem a análise de Campanella, as ideias de Tomás de Aquino são utilizadas de algum modo. Em alguns pontos menciona-se tão somente o nome do filósofo e em um número de situações há algum tipo de referência genérica à filosofia escolástica. As citações pontuais dos textos do Aquinate feitas por Campanella, aparecem apenas no capítulo 3 e 4, abrangem cinco obras e a *Summa Teológica* contribui com o maior número delas¹¹.

2. TOMÁS DE AQUINO E OS ARGUMENTOS CONTRA E A FAVOR DE GALILEU.

A primeira referência a Tomás de Aquino na *Apologia* faz-se já quando da apresentação do primeiro argumento apontado contra Galileu. Afirma Campanella que os que atacam Galileu dizem que suas doutrinas cosmológicas “são contrárias à física e à metafísica de Aristóteles, sobre as quais são Tomás e todos os escolásticos fundam a doutrina teológica”, com o que o filósofo e matemático “parece querer subverter todo o ensinamento da teologia”¹².

¹¹ Os textos tomasianos citados na *Apologia de Galileu* e a exata localização deles na obra é a seguinte – *Summa theologiae* (12 citações): Caput III - p. 13 - I, q102, a2-4; Caput III - p. 14 - II, q2, a8, ad1; Caput III - p. 22 - I, q68, a1; Caput III - p. 23 - I, q70, a1; Caput III - p. 24 - I, q1; Caput III - p. 25 - II-II, q109, a2; Caput III - p. 25 - I, q1, a8; Caput III - p. 27 - I, q1, a10; Caput IV - p. 41 - I, q70, a1; Caput IV - p. 44 - I, q68, a1; Caput IV - p. 48 - I, q68, a4; Caput IV - p. 50 - I, q47, a3. *Responsio de 43 articulis* (6 citações): Caput III - p. 27 – Prooemium; Caput III - p. 30 – XXXIX; Caput IV - p. 37 – XVI; Caput IV - p. 40 – XXIV; Caput IV - p. 40 – XVIII; Caput IV - p. 40 – VI. *Contra impugnantes Dei cultum, et religionem* (2 citações): Caput III - p. 13 - III, 4; Caput III - p. 24 - III, 4. *Summa contra gentiles* (1 citação): Caput III - p. 24 - I, 7. *In De coelo* (1 citação): Caput IV - p. 51 - I, 19. (As páginas indicadas na sequência dos capítulos da obra de Campanella referem-se à versão eletrônica da *Apologia pro Galileo* indicada na nota 1.)

¹² CAMPANELLA, 2007, *op. cit.*, p. 37. (Nota: A tradutora brasileira da *Apologia* optou por usar nas menções ao Aquinate a fórmula “são Tomás”, em detrimento da tradução literal que pediria a expressão “Divino Tomás”).

São ao todo onze os argumentos que Campanella arrola contra a doutrina astronômica sustentada por Galileu¹³. A apresentação não se dá por algum princípio claro de agrupamento. É possível classificá-los quanto aos assuntos de que tratam em cosmológicos (1, 2, 8 e 10), bíblicos referentes à descrição da natureza (3, 4, 5, 6 e 7), bíblicos referentes a advertências de ordem moral (11) e indicadores de heresia (9).

Como dito, o Aquinate é mencionado no primeiro argumento, que aponta o potencial subversivo dos ensinamentos de Galileu, que introduzem “novidades que são contrárias à física e à metafísica de Aristóteles, sobre as quais são Tomás e todos os escolásticos fundam a doutrina teológica”¹⁴. É a única menção a Tomás de Aquino no corpo dos argumentos contrários às ideias de Galileu¹⁵. O segundo argumento muito pouco difere do primeiro

¹³ A lista onze argumentos imputados contra Galileu compõem o primeiro capítulo da *Apologia de Galileu* (CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 37 – 41) e são, resumidamente, os seguintes: 1, ao contrapor-se à física e à metafísica de Aristóteles, Galileu subverte a teologia, pois Tomás e outros teólogos apóiam seus ensinamentos teológicos na filosofia do Estagirita; 2, Galileu defende ensinamentos contrários a todos os Padres e aos escolásticos, que ensinam que a terra não se move; 3, a teoria da mobilidade da terra defendida por Galileu contraria o Salmo 93 e o 103; 4, a teoria da mobilidade da terra esposada por Galileu contraria também o Eclesiastes; 5, a teoria da mobilidade da terra ensinada por Galileu nega o milagre do sol de Josué; 6, Galileu nega com a teoria da mobilidade da terra os prodígios solares narrados em Isaías e no segundo livro das Crônicas; 7, Galileu nega também as teorias sobre o movimento celeste exposta no livro do Juízes, na epístola de Judas e no terceiro livro (apócrifo) de Esdras; 8, a teoria galileana de que há água na lua e nos planetas nega a doutrina da incorruptibilidade do céu de Aristóteles, o que contraria as crenças cristãs referente aos céus; 9, as teorias sustentadas por Galileu falam da pluralidade dos mundos de modo que lembram teorias defendidas pelos muçumanos; 10, as teorias de Galileu parecem dirigir-se intencionalmente contra a teologia; 11, há várias advertências nas Escrituras de que não convém investigar mistérios relativos à natureza do céu.

¹⁴ CAMPANELLA, 2007, *op. cit.*, p. 37.

¹⁵ No tocante ao nono argumento de oposição a Galileu, Campanella poderia ter-se lembrado do Aquinate para reforçar o tratamento da difícil questão de haver habitantes humanos nos corpos celestes. A Escritura Sagrada fala de uma só humanidade que habita um só mundo e lê-se em Tomás (STh I, q47, a3) que há um só mundo. O problema teológico vinculado à existência universo afora de outros homens envolve discutir se Jesus Cristo morreu também pelos habitantes de outras estrelas ou se o sacrifício divino multiplica-se conforme o número de mundos habitados. Galileu, em 1610, n^o *A mensagem sideral* (*Sidereus nuncius*), considera a possibilidade de haver seres vivos na lua, mas nas *Cartas sobre as manchas solares*, de 1613, afirma que os planetas são desabitados. Campanella não sustenta propriamente que Galileu defende que muitos são os mundos habitados, mas que essa ideia decorre facilmente da admissão de que os astros são de natureza corruptível, ensinamento que faz parte efetivamente das doutrinas astronômicas galileanas, e que se apóia sobretudo na observação telescópica das montanhas lunares. A tese da composição

exceto por acrescentar que também os Padres da Igreja, e todos eles, e não somente os escolásticos, ensinam que a Terra é imóvel e o Sol e a esfera celeste são móveis, contrariamente ao que defende Galileu.

Tomás de Aquino não é mencionado ao longo dos onze argumentos arrolados por Campanella em favor de Galileu¹⁶. Os argumentos versam sobre questões astronômicas novas que eram de todo estranhas aos medievais, que não dispunham senão da visão natural para as observações dos astros e não tinham razão para considerar as questões relativas a eles fora dos parâmetros estabelecidos por Cláudio Ptolomeu.

3. TOMÁS DE AQUINO E OS FUNDAMENTOS DO MÉTODO DE CAMPANELLA PARA A ANÁLISE DA QUESTÃO GALILEANA.

Antes de analisar a argumentação contra e pró Galileu, Campanella estabelece os parâmetros que conduzirão seu ajuizamento. Isso se faz num longo capítulo¹⁷ em que se erigem três teses orientadoras. No primeiro parágrafo do dito capítulo, Campanella deixa claro que recorreu

elementar dos corpos celestes, que contraria a teoria aristotélica da imutabilidade dos céus, configura o oitavo argumento arrolado contra Galileu por Campanella.

¹⁶ Os onze argumentos compõem o segundo capítulo da *Apologia* (CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 43 – 47) e são, resumidamente, os seguintes: 1, Se nada se objetou contra o livro de Copérnico em 1525, nada há que condenar relativamente a Galileu; 2, O papa Paulo III, a quem Copérnico dedicou seu livro, e os cardeais aprovaram a obra e não há razão para os contemporâneos de Galileu condenarem-no; 3, Muitos sustentaram o modelo heliocêntrico antes de Copérnico e depois dele e não foram condenados; 4, Pensadores respeitáveis, católicos e não católicos, sustentam o heliocentrismo e seus livros não foram condenados; 5, O padre Clávio, astrônomo jesuíta, recomenda a elaboração de novas teorias astronômicas e há autores como um certo Apelles (pseudônimo do astrônomo jesuíta Cristóvão Schneider) que aceita a doutrina de Copérnico e de Galileu; 6, As doutrinas defendidas por Galileu são muito antigas e, segundo Campanella, tem origem em Moisés; 7, Os teólogos antigos não condenaram as mesmas ideias que são defendidas por Galileu; 8, Na Escritura denomina-se o céu de Firmamento pelo que não há erro em dizer que ele é imóvel; 9, As novas descobertas astronômicas indicam claramente que os astros são sistemas (isso é, devem ser de composição elementar); 10, Explicam-se melhor os textos de Moisés se os astros forem compostos pelos elementos (isso é, se eles são tidos como sistemas); 11, Muitos autores, incluindo pagãos, referem-se ao céu como Firmamento.

¹⁷ Caput III. Campanella desenvolve no capítulo extensa e multivariada argumentação que neste artigo será exposta resumidamente apenas para a discussão das questões tomasianas pertinentes. Convém considerar, todavia, que o problema geral de que trata o texto de Campanella, qual seja, o da compatibilidade entre fé e razão, permanece atualíssimo, pelo que a obra do polêmico filósofo e teólogo dominicano merece de algum modo atenção. É facilmente perceptível que nos dias de hoje há sempre algum assunto em discussão que diz respeito às relações entre fé e razão.

irrestritamente aos “teólogos antigos e modernos”, que podem ser considerados para a análise favorável ou desfavorável do problema de Galileu, e que procurará julgá-lo segundo fundamentos “sólidos e indiscutíveis”, tomados segundo “a doutrina dos santos, os decretos da natureza e o consenso de todos os povos”¹⁸.

A primeira tese sustentada por Campanella para o julgamento de se as ideias de Galileu são compatíveis ou não com a Sagrada Escritura assevera que quem examina questões relativas à religião sempre deve ter zelo de Deus e ciência, uma coisa e outra, e não somente uma delas¹⁹. Ao propor isso, o filósofo e teólogo dominicano intenta conduzir o leitor à ideia de que até os santos podem errar quando tratam de questões relativas ao mundo, para o que comenta, dentre alguns exemplos, que Tomás de Aquino afirmou que não existiam homens abaixo do equador (*STh* I, q 102, a 2-4). Fê-lo o Aquinate, acrescenta Campanella, por zelar ele demasiadamente por Aristóteles, que defendeu essa ideia (*Metereologica* II, 5, 362b). Assim, preferiu Tomás, no julgamento de Campanella, aferrar-se aos ensinamentos do Estagirita, em vez de aceitar as considerações de teor contrário de Alberto Magno e de Avicena, autores que o Aquinate avaliou, mas desprezou. O importante, para Campanella é acentuar que até os santos erram, em assuntos pertinentes à ciência, se lhes faltam os elementos adequados para nortear seus julgamentos: “afirmamos corretamente que sem ciência nem mesmo um santo pode julgar corretamente”²⁰. Exatamente por causa desse preceito, de que sem ciência nem mesmo um santo pode julgar corretamente, encontra-se em Tomás, afirma Campanella, a recomendação aos que se dedicam à defesa da religião de que estudem filosofia para que não sejam alvo da zombaria dos peritos quando discorrerem por necessidade sobre algum assunto especializado e enfraqueçam, assim fazendo, por imperícia, a defesa das coisas religiosas com a sustentação de afirmações improcedentes sobre assuntos que se referem à ciência do mundo²¹.

Assim, Campanella estabelece claramente, como primeira tese, que para discutir se a doutrina que Galileu sustenta concorda com a Sagrada Escritura ou não, o juiz da questão não somente deve ser competente e zeloso apenas

¹⁸ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 49.

¹⁹ Diz Campanella que esse preceito encontra fundação não só em filósofos e teólogos, mas também no que estabelece Paulo de Tarso na Epístola aos Romanos (10, 2).

²⁰ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 52.

²¹ Idem. A recomendação de Tomás de Aquino mencionada encontra-se em *Contra impugnantes Dei cultum, et religionem/Contra aqueles que combatem as ordens religiosas*, Caput III - p. 13 - III, 4.

quanto ao que se refere à religião, mas também devem conhecer muito bem astronomia.

A segunda tese de Campanella para o justo exame do problema galileano é formulada após a consideração de seis questões que o filósofo analisa exaustivamente. Trata-se de um complexo de seis regras que devem guiar o reto julgamento de quem vai examinar a questão.

A primeira afirmação que faz Campanella é a de que o teólogo julgador deve conhecer astronomia (“coisas celestes”) e física (“coisas inferiores”). Na sustentação dessa tese, Tomás é chamado a contribuir em três momentos. Inicialmente, Campanella assevera que o que basta realmente para o cristão é conhecer o que é suficiente para a salvação eterna, para o que cita *STh* II-II, q8 e 9. Logo em seguida, contudo, afirma que ocorre frequentemente ao teólogo tratar de assuntos variados, para o que não basta examinar as questões apenas à luz da causa primeira, que é Deus, mas que é necessário também discorrer sobre as causas inferiores. Daí por que é preciso o estudo das ciências que são requeridas não para fundamentar o estudo do sobrenatural, mas para robustecê-lo, para o que é necessário e útil o conhecimento do que é sensível e natural. Retoma aqui Campanella o já citado conselho que Tomás dá aos frades para que se dediquem às ciências e à eloquência para enfrentar os que combatem as ordens religiosas. Em apoio aos vários Padres que são citados a seguir por Campanella que sustentam a necessidade da erudição profana, ele aponta trecho do início da *Summa Theologica* (I, q1) em que Tomás se apóia num provérbio salomônico²², para dizer que a teologia convoca todas as suas servas, pelo que se estabelece a obrigação de que todos os teólogos se dediquem também ao estudo das ciências. Desse ponto, Campanella desenvolve um longo elogio ao estudo do mundo natural que inclui a afirmação aristotélica²³ de que os homens têm o desejo natural de conhecer e se assenta em várias passagens bíblicas apontadas para sustentar que o homem deve aplicar os seus sentidos e a sua razão no estudo e contemplação da ordem natural criada por Deus. Em meio a essa argumentação, Campanella recorre a uma importante e significativa imagem, muito útil para a discussão das ideias galileanas, que é a de que o mundo pode ser tomado como um livro, cujas páginas estão abertas para a nossa compreensão²⁴. No longo argumento de Campanella concernente à importância do estudo da natureza não deixa o filósofo de mencionar Galileu, que é, após citação que exalta grandemente os

²² Provérbios 9, 3.

²³ *Metafísica* I, 1 980a.

²⁴ A essa ideia antiga, Galileu acrescenta um elemento novo que será exposto e defendido em *O ensaiador (Il Saggiatore; 1623)*. Trata-se de considerar o mundo não simplesmente como um livro, mas como um livro que foi escrito, por Deus, em linguagem matemática.

astrônomos, tirada do poeta Ovídio, posicionado à frente de todos eles. Em seguida, Campanella ainda coloca a astronomia como a mais nobre das ciências²⁵.

A segunda asserção com que Campanella trabalha para a elaboração da segunda tese diz que não se pode considerar a astronomia como sendo uma ciência acabada. Daí estabelecer que ninguém, nem mesmo Aristóteles, tem a última palavra nos assuntos concernentes às realidades celestes. Enfatiza Campanella que Salomão afirma que Deus dispôs as coisas do mundo de modo a que sejam elas fonte de permanente discussão²⁶.

Destaca Campanella que há ensinamentos astronômicos de Aristóteles que até mesmo seguidores dele e Tomás de Aquino consideraram falso, como o de que o Sol se situa imediatamente acima da Lua²⁷. Nesse ponto do comentário, Campanella destaca que o próprio Estagirita afirma que ele pouco acresceu ao conhecimento astronômico dos antigos e de que tem confiança de que outros mais peritos elucidarão esses assuntos difíceis²⁸.

Sustenta Campanella que se encontra em Aristóteles muita coisa que se pode considerar herética. Uma delas seria, por exemplo, a questão da eternidade do movimento do céu. Todavia, diz Campanella, Tomás discorre sobre isso e defende que o Estagirita, não obstante apresentar um argumento contestável, fê-lo de “modo absoluto e não problemático”, isto é, estabeleceu-o para facilitar os argumentos e não para que a ideia fosse tomada como verdadeira²⁹.

A terceira asserção sustentada por Campanella estabelece que se os filósofos antigos não estabeleceram limites à física e à astronomia, muito menos o fizeram Cristo e Moisés: “jamais se lê no Evangelho que Cristo discutisse assuntos de física e de astronomia, mas assuntos morais e promessas de vida eterna”³⁰ e “é evidente que nem Moisés estabelece limites

²⁵ Nesse extenso elogio à astronomia com que Campanella conclui o comentário à primeira asserção, o filósofo introduz uma defesa sutil e facciosa da astrologia, da qual era estudioso, a partir da ideia de que “Deus colocou os sinais de seu primeiro advento no céu e na Terra” e de que Lucas, 21, 25, “é claro a respeito do futuro advento no Sol, na Lua e nas estrelas” (CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 58 - 59).

²⁶ Eclesiastes 3, 11 e 8, 17.

²⁷ In *Libros metaphysicorum*, XII, lect. 10

²⁸ *Metaphysica*, XII

²⁹ In *Libros metaphysicorum*, XII, lect. 10. Este assunto remete a uma importante discussão que se travou no tempo de Galileu e que constituiu parte importante dos problemas do astrônomo com as autoridades religiosas. Trata-se de serem as teorias científicas instrumentos que facilitam as observações e a experimentação ou de serem elas, além disso, a descrição da realidade essencial do mundo.

³⁰ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 66-67.

às ciências humanas, nem Deus nos ensinou por intermédio dele, a física ou a astronomia”.³¹

Ficam as coisas criadas abertas à livre discussão, diz Campanella, entregues à mente racional e aos cinco sentidos para a indagação contínua. Longa e diversificada é a lista de autores que Campanella chama para sustentar essa afirmação e Tomás de Aquino aparece no final da peroração. Primeiramente o Aquinate é mencionado a propósito de *STb* I, q68, a1, em que se discute por que Moisés não mencionou o elemento ar quando discorre sobre a origem das coisas; fê-lo porque o povo não é capaz de entender que o ar é um corpo e por essa incapacidade não convinha sobrepor a precisão técnica à compreensão da mensagem.³² Trata-se em seguida da inadequação astronômica de algumas passagens do Gênesis relativas à Lua e às estrelas; quanto a elas, diz Campanella, Tomás afirma em *STb* I, q70, a1 que Moisés escrevia no sentido de ser compreendido pelo vulgo, preterindo dessa forma a razão pelo falar habitual. Assim, remata Campanella, não há que estudar a lua por Moisés e quem sustentar que a lua não brilha por reflexo e sim com luz própria, porque Moisés a chama de grande luminar, “seria ridículo e seria estupidamente ímpio”³³.

A quarta asserção que Campanella apresenta trata da impossibilidade de que as verdades da razão contradigam as verdades da fé ³⁴. A partir disso, Campanella desenvolve a defesa da livre investigação da natureza e diz que se deve colocar sob suspeita toda a seita ou religião que proíbe a seus seguidores a investigação das coisas naturais. Estabelece Campanella então primeiramente crítica aos mulçumanos pela proibição da ciência em alguns lugares e em seguida condena os gregos antigos por terem restringido a livre investigação, o que levou, por exemplo, à pena de morte aplicada a Sócrates. Afirma então Campanella que por estar no cristianismo toda a verdade, essa é a razão pela qual ele “não só não teme os estudiosos, mas neles mesmos encontra confirmação”³⁵. Assim, assegura Campanella, mentem os que dizem que o cristianismo impede as ciências e erram os cristãos que querem que se proibam “os estudos e a indagação das coisas físicas e celestes”³⁶. Menciona

³¹ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 68.

³² Essa ideia é cara a Galileu Galilei que a defendeu na *Carta à Senhora Cristina de Lorena*, de 1615; para Galileu é fundamental considerar que a Escritura Sagrada foi dirigida para pessoas rudes e iletradas e o que foi nela colocado estava adaptado a sua capacidade de compreensão.

³³ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p.71.

³⁴ Essa tese é muito cara a Galileu que a sustenta na *Carta à Senhora Cristina de Lorena*, de 1615.

³⁵ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p.72.

³⁶ Idem.

então Campanella o Aquinate e relembra o que ele disse em contundente oposição aos que queriam condenar os monges pelo estudo da filosofia e das ciências³⁷. Adiciona ainda que na abertura da *Summa Theologica*³⁸ Tomás recorre a um provérbio³⁹ de Salomão que permite sustentar a afirmação de que “a teologia não bane as ciências, mas se serve delas para convocar os homens ao reino dos céus, visto que são [as ciências] suas servas e verdadeiramente a servem e não a contradizem”⁴⁰. Prossegue Campanella sua calorosa defesa da investigação do mundo e não deixa de criticar, de passagem, os que usam Aristóteles para agrilhoar os que querem investigar as grandezas da criação. A argumentação em prol da quarta asserção encerra-se com uma elaborada discussão sobre a importância de ler “o livro de Deus, que é mundo”⁴¹, arte em que se igualam pagãos e cristãos. Assim, se há coisas boas nas doutrinas dos pagãos sobre as coisas naturais, não há problema algum em que os cristãos se apossassem delas e eles serão até mesmo mais hábeis do que os pagãos no seu entendimento. Deriva Campanella esse argumento do que está posto por Tomás em STh II-II, q109, a2-3 e acrescenta um pouco adiante o alerta que o Aquinate estabelece em STh I, q1, a8, para que se avaliem as doutrinas dos pagãos não como elementos do julgamento do cristianismo, mas como elementos que devem ser usados contra o paganismo mesmo. Pouco antes do encerramento do item, novamente Tomás é lembrado por suas recomendações aos monges para que não se privem do estudo da filosofia e das ciências e recorda Campanella que o Aquinate comenta que o imperador Juliano, o Apóstata, buscou impedir aos cristãos o estudo da filosofia, com o que esperava minar-lhes a teologia. Pergunta então Campanella, tendo em vista as polêmicas referentes às ideias de Galileu: “Como ele [o Aquinate] denominaria hoje aqueles que nos proíbem de buscar filosoficamente no livro de Cristo, que é o mundo, se qualifica de julianistas os que queriam que fosse proibido aos monges ler o livro dos pagãos?”⁴²

Campanella aduz à quarta asserção um breve apêndice em que afirma ideia que parece ser um de seus principais móveis para os embates em que se envolveu no que tange às relações entre fé e ciência, que é a de que o cristianismo é por essência o campo doutrinário de máxima liberdade e que o filósofo cristão é o mais livre dos filósofos, pelo que não se pode admitir que os cristãos não tomem a dianteira das ciências e condenem erroneamente

³⁷ *Summa contra gentiles* I, 7. *Contra impugnantes Dei cultum, et religionem* III, 4.

³⁸ STh I, q1, a5.

³⁹ Provérbios, 9, 3.

⁴⁰ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p.73.

⁴¹ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p.74.

⁴² CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p.76.

certos conhecimentos que depois terão de mendigar vergonhosamente aos pagãos.

A quinta e penúltima asserção feita por Campanella assenta-se na ideia de que não se deve causar escândalo por falsa exegese ou por sustentação de artigo indevidamente tomado como sendo de fé. Se “a liberdade de filosofar está mais presente no cristianismo do que em qualquer outra civilização”⁴³, há que impedir que se ponham falsos limites à filosofia com o argumento de que eles derivam da Sagrada Escritura. Essas atribuições errôneas fazem muito mal à doutrina, pois causam riso aos pagãos e hereges e impedem a conversão deles, acrescenta Campanella. Assim, a boa exegese deve orientar-se pelas sãs orientações dos antigos⁴⁴ e de Tomás, que prescreve em STh I, q1, a10⁴⁵ e em STh I, q32, a4⁴⁶ os parâmetros gerais da correta interpretação dos textos sagrados. Completa Campanella esse argumento com uma citação textual do Aquinate, que afirma que não há que confundir opiniões filosóficas com artigos de fé e que “prejudica muito tanto afirmar quanto negar como pertinente à sagrada doutrina o que não diz respeito à doutrina religiosa”⁴⁷.

É erro grave, sustenta Campanella, considerar que opiniões filosóficas de Aristóteles sejam tomadas como artigos de fé e ainda mais fazê-lo apenas porque Tomás comentou a obra do Estagirita. Volta Campanella a apontar para o perigo de tomar certas opiniões de algumas santas figuras fossem tomadas como verdades de fé, com o que, por exemplo, Colombo então seria considerado um herege, pois mostrou que os antípodas existiam, em contradição com o que dissera Agostinho. Ora, afirma Campanella, a fé não pode ser posta em perigo pela geografia; erram pois gravemente os que sustentam que é de fé o que evidentemente não o é. Isso é posto claramente em vista da discussão da questão galileana, uma vez que se a doutrina astronômica do matemático e filósofo florentino for demonstrada verdadeira, não poderá isso resultar em prejuízo da fé católica e em zombaria⁴⁸.

⁴³ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 78.

⁴⁴ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 78; os autores citados são: Agostinho, João Crisóstomo, Ambrósio, Orígenes e Gregório Magno.

⁴⁵ O artigo começa assim: *Videtur quod sacra Scriptura sub una littera non habeat plures sensus, qui sunt historicus vel litteralis, allegoricus, tropologicus sive moralis, et anagogicus*/Parece que na Sagrada Escritura, uma mesma letra não tem vários sentidos: o histórico ou literal, o alegórico, o tropológico ou moral e o anagógico. Na tradução de Alexandre Corrêa, o artigo intitula-se: *Se a Escritura Sagrada, que dessa doutrina faz parte, deve ser exposta em mais de um sentido.*

⁴⁶ Na tradução de Alexandre Corrêa, o artigo intitula-se: *Se é lícito opinar contrariamente sobre as noções.*

⁴⁷ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 79. Tomás de Aquino, *Responsio de 43 articulis*, a18.

⁴⁸ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 83.

Chega então Campanella à última asserção pertinente à segunda tese. Novamente o filósofo e teólogo dominicano refere-se às várias teorias geográficas já sabidamente erradas, que foram outrora sustentadas como verdadeiras pelos teólogos, para reafirmar que os erros cometidos em matéria referente ao mundo pelos santos não fazem deles hereges. Assim, as teorias de Galileu dizem respeito à “observação sensível do livro do mundo”⁴⁹ e não são opiniões que devam ser consideradas como se tratassem somente das Sagradas Escrituras e dos decretos eclesiásticos. Tomás é mencionado no início do argumento, de passagem, apenas para lembrar o leitor de que ele e Agostinho alertaram os teólogos do perigo extremo de incorrerem no erro de considerar de fé o que é apenas matéria de opinião.

Já próximo ao final do capítulo, Campanella apresenta sua terceira e última tese para nortear o julgamento da doutrina de Galileu. Nessa tese, Campanella retoma elementos das duas anteriores e reforça a idéia de que o juiz das controvérsias que envolvem doutrinas sobre a natureza e a “doutrina física da Sagrada Escritura”⁵⁰ deve ser habilmente versado nas ciências a fim de que ele possa encontrar onde as discordâncias estão latentes a fim de encontrar a concordância que necessariamente há entre “ambos os livros”⁵¹, o da Escritura e o da natureza. Não há o examinador de importantes e difíceis questões que ser zeloso pelas doutrinas de Aristóteles ou de qualquer outro filósofo, pois é a busca da concordância que deve imperar sobre qualquer outro interesse.

No parágrafo de conclusão do capítulo, que se segue à exposição da terceira tese, Tomás de Aquino será apontado como modelo no tratamento das questões complexas e difíceis em que com a justa medida devem ser avaliadas tanto com ciência como com zelo de Deus⁵².

4. TOMÁS DE AQUINO E A REFUTAÇÃO DOS ARGUMENTOS CONTRA GALILEU.

Passa então Campanella a refutar um a um os onze argumentos apontados contra Galileu. O Aquinate será mencionado na maioria dos argumentos de Campanella.

Campanella sustenta a refutação do primeiro argumento contra Galileu, que afirmava que as novas doutrinas astronômicas pareciam subverter a teologia, na idéia de que a teologia não se funda em Aristóteles. Para o que é pertinente à doutrina astronômica de Galileu, a opinião de Aristóteles deve ser

⁴⁹ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 84.

⁵⁰ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 85.

⁵¹ *Idem.*

⁵² CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 86.

considerada apenas quanto ao que o filósofo estagirita observou relativamente à natureza. Assim, não importa em que medida Tomás de Aquino citou Aristóteles quando tratou de teologia. Lembra Campanella que Agostinho e outros santos doutores condenaram Aristóteles por questões metafísicas e até discordaram dele em questões de física. Apresenta então Campanella lista de oito teses de Aristóteles que conduzem a doutrinas heréticas⁵³. Ao comentar a última, Campanella lamenta que muitos creiam que Tomás de Aquino sustente que Aristóteles sirva de fundamento para a teologia, não obstante não se encontrar na obra do Aquinate nada que suporte essa afirmação e até mesmo se encontre, assegura Campanella, a afirmação do contrário disso.

Em resposta ao segundo argumento contrário a Galileu, o de que suas doutrinas pareciam contrariar o ensinamento de todos os escolásticos, Campanella afirma que ao contrário do que se diz, a doutrina de Galileu não se opõe intencionalmente à dos Padres e dos escolásticos. Quando ocorre discordância literal é por que há uma boa razão nisso, que decorre de algum elemento testemunhal inquestionável. Há, por exemplo, que levar em conta em questões de geografia o testemunho de Cristóvão Colombo, ainda que ele discorde de qualquer autor antigo digno de consideração, ainda que seja Tomás de Aquino um deles. Assim, Campanella argumenta que já se encontra entre os antigos a afirmação de que não existe a quinta essência, teoria que Galileu sustenta com base nas suas observações dos astros. Quanto ao Aquinate, menciona-o Campanella algumas vezes, mas em dois momentos isso parece destacar-se pelo comentário envolver Aristóteles: Diz Campanella que a análise de Tomás dos seis dias da criação leva mais em conta Moisés do que o Estagirita⁵⁴; afirma também que Tomás comenta o que diz Aristóteles no *De Caelo* sobre o movimento da terra e a estabilidade do firmamento e o faz sem mencionar que esses ensinamentos seriam contrários à Escritura⁵⁵, pelo que evitaria criticar alguns Padres e outros autores cristãos que defendiam essas teorias e não as achavam contrárias à fé católica.

No tocante ao terceiro argumento apontado contra Galileu, Campanella sustenta que a nova doutrina astronômica não deve ser condenada porque contradiz o Salmo 93 e o Salmo 103 que afirmam a imobilidade da Terra. Afirma Campanella que se encontram na Escritura tanto afirmações sobre a

⁵³ Campanella chega mesmo a dizer que “se não se demolir a sua autoridade [de Aristóteles], nos infestaremos continuamente com suas heresias” (CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 90).

⁵⁴ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 93. Para essas ideias de Tomás estariam em *STb* I, q65, 66, 67, 70 e 71.

⁵⁵ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 100. Campanella refere-se ao segundo livro do comentário de Tomás ao *De caelo* de Aristoteles.

estabilidade da Terra quanto sobre a estabilidade dos céus. A Escritura suporta, portanto, teorias astronômicas contraditórias e o Salmo 135 pode ser utilizado em favor de Galileu. Tomás de Aquino é então mencionado a propósito de suas conjecturas sobre a localização do inferno, se ele está no centro da terra ou não⁵⁶. Isso parece ajudar muito pouco a defesa de Galileu.

Passa então Campanella a examinar o quarto argumento usado contra Galileu, o de que ele se posiciona contrariamente ao que é sustentado no livro do Eclesiastes (1, 4) quanto à questão da mobilidade do Sol e da permanência da Terra. Diz Campanella que se deve interpretar a ideia de que a terra permanece, constante na referida passagem, com o entendimento de que ela não está sujeita à corrupção e não no sentido de que ela é desprovida de movimento local. Ao referir-se a Tomás de Aquino na análise desse argumento, diz Campanella que embora o Aquinate tenha afirmado em certo texto que o sol se move, teria afirmado antes⁵⁷, ao analisar a mesma passagem bíblica, que “quanto mais interpretações a Escritura receber neste texto e em outros, tanto mais escapará à zombaria dos filósofos seculares”⁵⁸. Campanella menciona isso para dizer que, como então já eram muitos os que já aceitavam que a terra se movia e o sol permanecia estático, aferrar-se a uma única interpretação e imputar aos que não a aceitam a condição de hereges é um grave erro. Acrescenta o filósofo dominicano que Tomás não condenou a teoria heliocêntrica dos antigos quando a comentou e diz ainda que muitos autores escolásticos sustentaram opiniões referentes a questões do mundo natural que autores importantes consideraram heréticas mas que não entraram em conflito com a Igreja porque ela não sustentou interpretação única a propósito desses assuntos. Feitas essas considerações, afirma Campanella que não há motivo para condenar Galileu por dizer que o sol é estático e que ele apenas aparenta se mover porque os sentidos indicam isso. Assim, acrescenta Campanella, muitas passagens bíblicas expressam apenas a percepção comum das pessoas e diz que Tomás de Aquino endossa essa ideia, em *STh* I, q70, a1, ad3, ao considerar que Moisés “se exprime com base no que aparece segundo o significado popular e não segundo o filosófico”⁵⁹. Estende ainda Campanella suas considerações sobre esse argumento contrário a Galileu, para concluir que Deus entregou “o mundo, sua primeira escritura, à discussão dos homens” e que “o mundo (...) é sabedoria criada materialmente e tem

⁵⁶ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 102.

⁵⁷ *Responsio de 43 articulis, XLIII, a. 18; Responsio de 43 articulis, XXXVI, a. 6.*

⁵⁸ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 105.

⁵⁹ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 106.

múltiplas manifestações de acordo com as múltiplas capacidades dos homens”⁶⁰.

Campanella analisa então conjuntamente o argumento quinto e o argumento sexto imputados contra Galileu, que tratam dos milagres solares, o ordenado por Josué (10, 13 – 14) e o testemunhado por Ezequias (Isaias 38, 8), que seriam negados pelo astrônomo florentino. Sem recorrer ao Aquinate, Campanella refutará as acusações feitas a Galileu com o argumento de que houve milagres num caso e noutro, que Galileu não os nega, pois se o fizesse incorreria certamente em heresia, mas que apenas explica de outro modo como Josué parou o Sol⁶¹: Quem sustenta que Josué parou o Sol “por interrupção do movimento terrestre, não suprime o milagre, mas o explica [diferentemente]”⁶².

O sétimo argumento assacado contra Galileu diz que ele contradiz a Escritura ao defender a imobilidade da esfera das estrelas. Trata-se, diz

⁶⁰ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 107.

⁶¹ O milagre do Sol de Josué está no centro dos problemas que originaram o famoso caso Galileu e marca a incursão de Galileu no campo da teologia. Os acontecimentos iniciam-se em Pisa, em 14 de dezembro de 1613, na casa de Cristina de Lorena, Arquiduquesa da Toscana, mãe do duque Cosme II, patrão e protetor de Galileu, de quem ele foi professor de matemática. Num jantar realizado na data mencionada, em que estava presente o padre Benedetto Castelli, amigo, discípulo predileto de Galileu e seu sucessor na Universidade de Pádua, desenrolou-se debate em torno do milagre da parada do sol narrado em Josué (10, 12-14); o professor Boscaglia, aristotélico, alegou que a teoria copernicana era incompatível com a referida narrativa veterotestamentária. Castelli escreveu a Galileu pondo-o a par do acontecido e relatou que embora ele tenha convencido quase todos os presentes de que não havia a incompatibilidade apontada pelo professor aristotélico, não havia conseguido convencer a Arquiduquesa. Galileu interessou-se vivamente pela polémica e na resposta à carta de Castelli, datada de 21 de dezembro de 1613, iniciou o desenvolvimento de algumas ideias sobre como se devem dar as relações entre a ciência e a teologia. Essas ideias serão ampliadas e desenvolvidas em 1615 e compõem o texto conhecido como *Carta à Senhora Cristina de Lorena*. A *Carta a Castelli*, copiada e posta em a circulação, fará parte do material da primeira denúncia de Galileu no Santo Ofício (SHEA and ARTIGAS, 2004, *op. cit.*, p. 55 – 62). A *Carta à Senhora Cristina*, que também foi copiada e distribuída, trata da interpretação da Bíblia e contém várias citações do *Comentário literal ao Gênesis (De Genesi ad litteram)* de Agostinho. Na apreciação que fez do caso Galileu, o papa João Paulo II denominou a *Carta à Senhora Cristina* de “um pequeno tratado de hermenêutica bíblica” (GIOVANNI PAOLO II. 1992. *Discorso di Giovanni Paolo II ai partecipanti alla sessione plenaria della Pontificia Accademia delle Scienze*. 31 ottobre 1992.

http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1992/october/documents/hf_jp-ii_spe_19921031_accademia-scienze_it.html). O epistolário de Galileu pode ser lido em <http://www.liberliber.it/biblioteca/g/galilei/lettere/html/generale.htm>. No final da *Carta a Castelli*, Galileu explica, não sem ironia, como se daria o milagre do sol de Josué de acordo com o modelo astronomico helioestacionário.

⁶² CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 109.

Campanella, de interpretar adequadamente o que está em Juízes 5, 20 e Judas 1, 13, isto é, de entender “estrelas” por “planetas”; assim, as passagens dizem não que todas as estrelas se movem, mas que algumas, os planetas, o fazem⁶³. Campanella cita Tomás a propósito de *STh* I, q70, não para usar o Aquinate em favor de Galileu, mas apenas para dizer que a passagem mencionada está em acordo mais com a astronomia de Ptolomeu do que com a de Aristóteles⁶⁴.

O oitavo argumento imputado contra o astrônomo florentino afirma que Galileu sustenta contra Aristóteles e os escolásticos que existe água na Lua e nos planetas. Como para que haja águas nos corpos celestes Campanella considera que devam também haver neles terras para contê-las, irá o filósofo remeter-se à discussão da natureza do firmamento, pelo que analisará longamente o assunto a partir do que Tomás de Aquino tratou em *STh* I, q68, a1⁶⁵. Campanella lamenta, de certo modo, que o Aquinate não tenha resolvido a questão, pertinente à substancialidade do firmamento, de modo a favorecer a opinião de Empédocles de que o céu seria composto dos quatro elementos, pelo que seria mais fácil interpretar o primeiro capítulo do livro do Gênesis e ainda favoreceria a doutrina astronômica de Galileu; Tomás teria, segundo julga Campanella, preferido manter a ideia de que a Escritura comporta muitos significados, com o que não se posicionou quanto a ser o firmamento composto pelos quatro elementos (posição de Empédocles e dos pitagóricos), ou pelo fogo (Platão), ou ainda por ser de uma quinta essência (Aristóteles). Campanella está certo de que há evidências claras da presença de água no sol, o que explicaria as pequenas nuvens que giram em torno dele, e também nas estrelas, pois crê que a estrela nova de 1572 formou-se dos vapores que havia na constelação de Cassiopéia. Campanella afirma também, que contrariamente ao que ensina Aristóteles, os cometas formam-se acima da Lua e se originam dos vapores que lá existem⁶⁶. Além disso, acrescenta Campanella, Galileu mostrou que há montes na Lua; isso daria sentidos ao que se lê em Gênesis 49, 25 e em Deuteronômio 33, 13 – 15 a respeito de frutos, montes e colinas nos corpos celestes. Assim, conclui Campanella, a Escritura concorda com Empédocles e por isso diz que se “deve louvar a Galileu que depois de todos esses séculos resgatou a Escritura através das experiências sensíveis da zombaria e da distorção e mostra aos sábios deste mundo que não eram

⁶³ Esse interessante argumento parece ser boa amostra da animosidade que se tinha contra Galileu na época e da desmedida vontade que alguns tinham de encontrar heresias em seus ensinamentos.

⁶⁴ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 110.

⁶⁵ *Utrum firmamentum sit factum secunda die/Se o firmamento foi feito no segundo dia.*

⁶⁶ Campanella defende, pois, teoria muito diferente sobre os cometas da que será defendida por Galileu n’*O ensaiador (Il Saggiatore, 1623)*, obra celebre em que o sábio florentino sustentará a teoria de que os cometas são fenômenos atmosféricos.

sábios e que a Escritura não se deve adaptar a eles, como até agora sucedeu, mas que ele devem adaptar-se à Escritura”⁶⁷.

O nono argumento apontado contra Galileu afirma que ele defende que muitos são os mundos e que neles habitam homens, opinião contrária à Escritura que afirma claramente a existência de um só mundo. Campanella contra-argumenta que o que Galileu sustenta é que há vários sistemas em um único sistema, dentro de um único céu. A pluralidade dos mundos defendida pela doutrina astronômica de Galileu decorreria diretamente do que ele teria observado com o telescópio por ele inventado. Tais descobertas estariam possibilitando a interpretação literal de alguns trechos da Escritura (por exemplo, Deuteronômio 10, 14), o que traria grande ganho exegetico e pastoral. Se Tomás de Aquino se posiciona contrariamente à existência de vários mundos em *STh* I, q47, a3⁶⁸, nem por isso, observa Campanella, afirma o Aquinate que sustentar a pluralidade de mundos é opinião contrária à fé. Campanella afirma que o que o Aquinate teria querido dizer é que não podem existir vários mundos sem uma mesma ordem para todos de modo que não seria herético afirmar que existem “vários pequenos sistemas dentro de um único sistema supremo, ordenado por Deus”⁶⁹. Assim, sustentar a tese da pluralidade dos mundos confrontaria mais a Aristóteles do que à Escritura e aponta Campanella que isso já teria sido admitido por Tomás no seu comentário ao *De caelo*⁷⁰. Campanella segue a análise do argumento e toca no problema da salvação das outras espécies de homens habitantes das estrelas e da descendência deles de Adão. Como a obra de Campanella trata de Galileu, e ele não mais sustentava que existem homens em outros mundos, como o fizera na sua primeira obra de astronomia, mas apenas que podem existir seres vivos neles, a discussão do assunto não se prolonga.

O décimo argumento arrolado contra Galileu afirma que não se podem sustentar doutrinas opostas às dos escolásticos sem grande escândalo, porquanto criar uma nova doutrina é destruir a que há muito se estabelecera quanto à natureza do céu e da terra. Neste ponto Campanella desenvolve breve e entusiástica defesa de Galileu e sustenta que ele não causa escândalo visto que “não se ocupa de coisas ilícitas, mas de indagar a verdade, que Deus nos confia e ordena”⁷¹. Campanella diz ser erro grosseiro sustentar que as doutrinas aristotélicas sobre os corpos celestes e o mundo são sustentadas pelos Padres e pelos escolásticos. Ao contrario, afirma Campanella, Tomás de

⁶⁷ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 123.

⁶⁸ *Se há um só mundo*.

⁶⁹ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 125.

⁷⁰ *In libros De coelo et mundo 1. I, lect. 19*.

⁷¹ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 128.

Aquino mostra “claramente que as doutrinas de Aristóteles não podem concordar com a de Moisés e dos Padres”⁷². Conclui Campanella com nova exaltação às descobertas de Galileu “que regatam [a Escritura] das tortuosidades dos teólogos e da zombaria dos filósofos”⁷³.

Por fim, dedica-se Campanella à refutação do décimo primeiro argumento contrário a Galileu que afirma que é temerário querer propor uma nova doutrina sobre a estrutura do mundo e que trabalhar nesse sentido é contrariar as recomendações expressamente assentadas nas Escrituras que recomendam extrema cautela e cuidado em não avançar os limites estabelecidos à investigação das coisas do mundo. Sem mencionar Tomás de Aquino neste tópico, Campanella limita-se a dizer que já respondeu a esse argumento quando no *Caput III*, primeira asserção, considerou “o quanto Deus é grato a que se estude filosoficamente o seu livro [da natureza] e de que modo não é vão indagar as realidades celestes, mas útil para manifestar as obras de Deus e para revigorar a fé na divindade e na imortalidade da alma humana”⁷⁴.

5. A POSIÇÃO DE CAMPANELLA SOBRE OS ARGUMENTOS FAVORÁVEIS A GALILEU.

Campanella conclui a *Apologia de Galileu* com uma breve análise dos argumentos arrolados em favor do matemático florentino⁷⁵. Começa, todavia, o filósofo dominicano por declarar que ele já cria que os astros eram constituídos do elemento fogo e que o trabalho de Galileu ajudou-o a perceber que esse não é o único constituinte do céu e que toda a sua cosmovisão mudou, mas que manterá suspenso o julgamento no aguardo das decisões da Igreja e dos peritos.

Quanto aos argumentos aduzidos em favor de Galileu, Campanella examina primeiramente o bloco formado pelos que tratam da posição dos teólogos (o 1º, 2º, 3º, 4º, 5º e 7º) e conclui que não há como sustentar que haja algum dano à fé que provenha das doutrinas ensinadas por Galileu⁷⁶.

No que se refere aos argumentos de conteúdo astronômico (o 8º, 9º e 10º), Campanella considera que eles podem ser interpretados de forma

⁷² *Idem.*

⁷³ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 129.

⁷⁴ *Idem.*

⁷⁵ Vide nota 13.

⁷⁶ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 132 – 133.

compatível com a Escritura⁷⁷, mas declara-se “pronto a ceder ao juízo de quem é mais perito”⁷⁸.

Campanella examina de forma apurada apenas o sexto argumento favorável a Galileu. De forma original e engenhosa, o filósofo dominicano busca ligar a nova doutrina desenvolvida por Galileu aos gregos clássicos, a Empédocles e aos pitagóricos, e estes a Moisés. Assim, para Campanella, “os pitagóricos extraíram as suas doutrinas do Judeus”⁷⁹ de modo que ao restaurar a doutrina dos gregos Galileu estaria reconduzindo a interpretação dos textos veterotestamentários atribuídos tradicionalmente a Moisés ao conteúdo original. Campanella crê que Pitágoras era de ascendência judaica e teria desenvolvido as suas doutrinas filosóficas adaptando-as das dos seus antepassados. Daí a razão de ser a exegese da Escritura muito mais adequada se feita à luz da doutrina astronômica sustentada por Galileu⁸⁰.

Assim, Campanella afirma que “não se pode proibir a pesquisa de Galileu, nem suprimir os seus livros, sem que haja perigo de zombaria para as Escrituras (...). Considero mesmo – conclui o filósofo – que uma proibição do gênero seria suficiente para que os nossos inimigos abraçassem com fervor essas mesmas teorias e as exaltassem”⁸¹.

Dito isso, Campanella encerra o parecer, declara submeter-se ao que venha a dizer a censura eclesiástica e despede-se de seu admirador e protetor, o cardeal Caetano.

6. COMENTÁRIO FINAL.

Tomás de Aquino é o autor mais citado por Campanella na sua *Apologia de Galileu*; seguem-se ao Aquinate em número de citações Agostinho e Aristóteles⁸².

⁷⁷ Neste ponto da *Apologia*, Campanella cita Tomás a propósito de *STh* I, q68, a4 – *Se há um único céu*. Argumenta Campanella que não é fácil averiguar se as ideias de Galileu sobre o céu são compatíveis com a dos teólogos posto que estes usam a palavra de modo muito variado; a citação de *Suma* trata dessa dificuldade.

⁷⁸ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 133.

⁷⁹ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 137.

⁸⁰ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 133 - 137.

⁸¹ CAMPANELLA, 2007, *op.cit.*, p. 137.

⁸² Tomás de Aquino (22 citações): *Summa Theologiae* (12); *Responsio de 43 articulis* (6); *Contra impugnantes Dei cultum, et religionem* (2); *Summa contra gentiles* (1); *In De coelo* (1). Agostinho (11 citações): *De genesi ad litteram* (5); *De doctrina christiana* (3); *De civitate Dei* (2); *De Trinitate* (1). Aristóteles (6 citações): *Metaphysica* (2); *De coelo* (2); *De anima* (1); *Meteorologica* (1). <http://bivio.signum.sns.it/bvWorkCitList.php?authorSign=CampanellaTommaso&titleSign=Apologia>

No intuito de demonstrar que as teorias astronômicas de Galileu Galilei não são contrárias à fé e não abalam a teologia, Campanella recorre a extensa argumentação e vai sempre que possível aos Padres da Igreja e a Tomás de Aquino. Referir-se a Tomás parece ser extremamente importante para Campanella, não somente pela importância teológica do Aquinate, mas também pelos fortes vínculos tomasianos com a metafísica e a física de Aristóteles.

Preocupou-se claramente Campanella em separar as referências que Tomás faz à física de Aristóteles das ideias do Aquinate importantes para discutir as polêmicas originadas pelas novas doutrinas astronômicas propostas por Galileu.

Como a controvérsia astronômica implicava no primeiro momento em confrontação com a física e com a metafísica aristotélica, havia que considerar cautelosamente a questão. Se a nova astronomia proposta por Galileu refutava a cosmologia de Aristóteles, o significado exato disso deveria ser avaliado. No tocante à teologia, havia que separar inequivocamente quais eram os artigos de fé e que relação tinham eles com os tópicos aristotélicos que estavam sendo questionados pela nova cosmologia.

A primeira tese apontada por Campanella contra Galileu diz exatamente que atacar Aristóteles significa subverter a teologia, pois Tomás de Aquino e os escolásticos assentariam a fé nos ensinamentos do Estagirita. Campanella refuta essa tese e procura mostrar que não obstante Tomás de Aquino recorrer abundantemente às ideias de Aristóteles, o Aquinate sustenta autonomamente suas visões e defende princípios gerais importantes para as questões de fé e para a investigação do mundo que prescindem totalmente da veracidade ou não da física e da cosmologia aristotélica.

Assim, é claro para Campanella que refutar a cosmologia de Aristóteles não abala a teologia.

Mais de uma vez Campanella lamenta que Tomás prefira a opinião de Aristóteles à de outros autores. Esse excessivo zelo tomasiano pelo Estagirita contribuiria, parece ser essa a posição de Campanella, para que a física aristotélica adquirisse estatuto de verdade e assim fosse colocada por alguns como empecilho à livre investigação e discussão das questões referentes ao mundo. Os aristotélicos, empenhados em defender a cosmologia do mestre do ataque que provinha da nova astronomia iniciada por Galileu, parecem ter recorrido a todos os expedientes; um deles foi o de vincular estreitamente a cosmologia do Estagirita com a teologia e a exegese bíblica.

Campanella defende ardorosamente a liberdade de investigação do mundo e argumenta que é na esfera da cultura católica que se encontram as



condições ideais para que isso se realize. É em Tomás de Aquino que Campanella encontra abundantemente elementos para respaldar essa sua convicção.